

A CIRCUNCISÃO SOB DOIS OLHARES: OS SEGUIDORES DE JESUS DE NAZARÉ E OS SÁBIOS FARISEUS

  Agenilton Marques Corrêa ^{1,*}

  Chandler Tiago dos S. Sant' Ana ^{2,*}

RESUMO

O presente artigo provê uma breve análise sobre a perspectiva dos sábios fariseus e dos seguidores de Jesus de Nazaré em relação à circuncisão, com o objetivo de identificar qual é o contexto histórico dos debates exibidos nas páginas da Bíblia Grega acerca do tema. Emprega-se uma metodologia qualitativa e histórica analítica descritiva para promover uma reconstrução histórica desse debate, que esbarra na datação dos textos rabínicos, visto que muitas vezes refletem ideias posteriores ao período da Bíblia Grega. O corpus paulino foi utilizado para solucionar essa dificuldade, pois quando os escritos do apóstolo Paulo e outras fontes contemporâneas testemunham determinadas compreensões exibidas na literatura rabínica, essas têm sua antiguidade atestada.

Palavras-chave: Circuncisão. Fariseus. Paulo. Protocristianismo.

ABSTRACT

This article provides a brief analysis of the perspective of the wise Pharisees and followers of Jesus of Nazareth in relation to circumcision, with the aim of identifying the historical context of the debates displayed in the pages of the Greek Bible regarding the topic. A qualitative and descriptive analytical historical methodology is used to promote a historical reconstruction of this debate, which comes up against the dating of rabbinic texts, as they often reflect ideas subsequent to the period of the Greek Bible. The Pauline corpus was used to solve this difficulty, because when the writings of the apostle Paul and other contemporary sources testify to certain understandings displayed in rabbinic literature, these have their antiquity attested.

Keywords: Circumcision. Pharisees. Paul. Protochristianity.

¹ Ph.D pelo Instituto Adventista Internacional de Estudos Avançados, professor de Teologia Sistemática e diretor de Pós-Graduação do Seminário Adventista Latino-Americano - Faculdade Adventista da Bahia (SALT-FADBA). E-mail: agenilton.correa@adventista.edu.br.

² Bacharel em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia. Pós-graduando em História e Arqueologia do Antigo Oriente Próximo e Mediterrânea pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: chandlertigosantana@gmail.com.

***Autor correspondente:**
chandlertigosantana@gmail.com

Submissão: 04/2023
Aceite: 12/2023

Como citar

CORRÊA, A. M.; SANT'ANA, C. T. S. A circuncisão sob dois olhares: os seguidores de Jesus de Nazaré e os sábios fariseus. *Práxis Teológica*, volume 19, número 1, e-1924, 2023. DOI: <https://doi.org/10.25194/2317-0573.2023v19n1.e1924>.



INTRODUÇÃO

As Escrituras Hebraicas descrevem a narrativa do chamado de Abrão. Deus assegurou que ele seria o pai de uma grande nação, garantiu ao patriarca a promessa de uma posteridade numerosa (Gn 12:1-4; 15:4-5), e tornou a circuncisão na marca característica e identificadora de seus descendentes. É intuito desta pesquisa analisar duas seitas judaicas — os fariseus e os seguidores de Jesus de Nazaré — com o propósito de descrever como esses grupos entendiam a circuncisão e a necessidade que os gentios se vinculassem a ela, já que os membros das duas seitas se consideravam descendentes de Abraão.

Para alcançar este objetivo, ofereceu-se um panorama geral da instituição da circuncisão em Gênesis 12, 15 e 17 para possibilitar ampla compreensão da história do patriarca. Além disso, e investigou-se na literatura de Hazal como a circuncisão foi entendida e vivida pelos rabinos do judaísmo do Segundo Templo e, em especial, no primeiro século E.C.. Adicionalmente, é necessário avaliar a posição do apóstolo Paulo com relação à circuncisão. O interesse especial em Paulo — dentre os líderes da seita de Jesus de Nazaré — se dá em decorrência de ele ter sido adepto do farisaísmo, sem deixar de observar a visão de outros líderes da mesma comunidade.

De acordo com o livro de Atos 15:5, o debate sobre a necessidade da circuncisão no protocristianismo para os gentios começa quando alguns fariseus crentes em Jesus sugerem a necessidade desta ação.. Esse posicionamento causou alvoroço na comunidade cristã primitiva. Paulo e os demais líderes da comunidade cristã entenderam, por outro lado, que não era necessário circuncidar os gentios crentes (At 15:6-20). O leitor que busca compreender o texto por meio de seu contexto histórico, pode questionar se esse debate era exclusivo dos fariseus — crentes em Jesus — do protocristianismo, ou se ele existia no farisaísmo como um todo. Esse artigo também se propõe a responder esta questão.

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa e bibliográfica, com metodologia histórica, analítica e descritiva. Orienta-se na abordagem metodológica empregada por Alan Segal (2010, p. 16-19) e Jacob Neusner (1971, p. 154, 278). Segundo estes autores, Paulo, por ter sido fariseu, é uma fonte histórica importante para datar os textos de Hazal. Segal (2010, p. 15) propõe que Paulo fora fariseu ao longo de toda a sua vida e afirma não haver evidência na Bíblia Grega de que ele tenha deixado de ser fariseu. Brad Young (1997, p. 21) concorda ao afirmar que “de fato, não há evidência em nenhum lugar do Novo Testamento que ele se afastou de suas firmes convicções como fariseu.” A intenção é evitar anacronismos, ou seja, não usar ideias rabínicas tardias como se fossem anteriores ao ano 70 E.C. Assim, pode-se oferecer um quadro histórico fiel dos debates farisaicos anteriores ao ano 70 E.C.

A relevância desta investigação é vista na análise histórico-descritiva, que esclarece como os fariseus crentes e não crentes em Jesus de Nazaré compreendiam a circuncisão e sua necessidade para os novos conversos.

PANORAMA GERAL DAS RELAÇÕES ENTRE GÊNESIS 12, 15 E 17

A narrativa de Gênesis 17 descreve que, em certo momento, Deus apareceu a Abrão e fez com ele uma aliança. Abrão deveria andar na presença de Deus. Nesta aliança foi prometido a Abrão que sua descendência seria multiplicada extraordinariamente, o patriarca seria pai de uma grande nação e reis procederiam dele (v. 1-6). Essa aliança também se estenderia aos seus descendentes, seria eterna, e a semente de Abrão herdaria a terra de Canaã (v. 7-8). Nesse contexto, o relato informa acerca da mudança de nomes dele e de sua esposa. De Abrão para Abraão, pois ele seria pai de numerosas nações (v. 5), e de Sarai para Sara, algo como a princesa de todos (v. 15). Sendo ela já idosa, daria à luz a um menino que se chamaria Isaque, e dele viria a descendência de Abraão (v. 15-22). A marca da aliança entre Deus e Abraão seria a circuncisão. Todos os primogênitos da semente dele deveriam ser circuncidados ao oitavo dia (v. 9-14, 23-27).

Gênesis 17 faz parte da *parashá* de וְאֵלֶיךָ e isso é significativo. Essa *parashá* começa com o chamado de Abrão para sair da casa e da terra de sua parentela para ir à terra que Deus mostraria; foi-lhe prometido que através dele seriam abençoadas todas as famílias da terra (Gn 12:1-3). Mais tarde, Deus se manifestou ao patriarca em uma visão e lhe prometeu um herdeiro do qual viria sua descendência; essa descendência seria numerosa (Gn 15:1-5). Nestes textos observa-se que a promessa de uma descendência reaparece no capítulo 17. Em Gênesis 15:12-17 é dito que essa descendência herdaria a terra, promessa feita por ocasião de seu chamado (Gn 12:1-3).

As manifestações de Deus a Abrão tendem a repetir a promessa, com novos detalhes. No capítulo 12, o patriarca foi chamado a deixar a terra e ser uma bênção às nações, porém não é dito como essa bênção seria estendida às nações e quando ele herdaria a terra. O capítulo 15 descreve como Abraão soube que sua descendência seria numerosa e que ela herdaria a terra, não ele. Uma aliança foi feita com o patriarca como garantia desta promessa (v. 1-5). Gênesis 17, por sua vez, informa que além de um descendente, Abraão seria pai de povos e reis procederiam dele (v. 4-8). O herdeiro prometido em Gênesis 15:4 agora é nomeado (Gn 17:19). A marca dessa aliança seria a circuncisão dos descendentes de Abraão (v. 9-10).

A forma como as aparições estão dispostas no Gênesis demonstra que a promessa feita em Gênesis 12:1-3 ganha novas cores à medida que a história avança. Agora, o leitor atento poderia se perguntar se Deus fez uma ou duas alianças com Abraão, visto que o capítulo 15 menciona uma aliança e o capítulo 17 parece falar de outra. A resposta pode ser encontrada na palavra hebraica וְאֵלֶיךָ utilizada em Gênesis 17:7, presente no Hifil, e pode ser traduzida por “confirmarei” (BRIGGS et al., 1977, p. 878). Assim, o que estaria acontecendo em Gênesis 17 seria a confirmação e adição de um sinal a uma aliança já feita em Gênesis 15. Sobre a relação entre Gênesis 15 e 17, Nahum Sarna (1989, p. 123) explica:

A ‘aliança na carne’ tem muito em comum com a ‘aliança entre os pedaços’ de Gênesis 15, pressupondo-o e complementando-o de várias maneiras. A cerimônia da aliança lá descrita é a base para a palavra-chave *Brit*, “pacto”, que o Narrador

emprega mais de 8 dezenas de vezes neste capítulo. Aqui, além disso, esta aliança é três vezes redefinida como “aliança eterna” (17: 7,13,19). Na passagem anterior, Abraão é o receptor passivo. Agora Deus o convoca para ser um parceiro ativo na aliança. Em ambas as seções, a revelação começa com a fórmula divina e auto introdutória: “Eu sou...” (Gn 15: 7; 17: 1). Em ambas há a promessa de um filho, mas aqui, pela primeira vez, a matriarca é especificamente designada como a futura mãe (Gn 15. 4; 17: 16, 19, 21). Ambos os capítulos prometem uma descendência numerosa (Gn 15: 4; 17: 4) em território nacional, mas aqui o último deve ser “uma possessão eterna” (Gn 15:18; 17: 8). Finalmente, ambas as seções registram a reação emocional do patriarca ao anúncio de Deus (Gn 15: 3,8; 17:17).

Desse modo, percebe-se que Gênesis 17 exibe a concretização da aliança entre Deus e Abraão, a mesma aliança que Ele firmou com o patriarca quando o chamou. Aqui, assume características adicionais à medida em que a série de acontecimentos com Abraão se desenrola diante do leitor. Essa aliança é significativa para o povo judeu e para o povo cristão, visto que para este último há uma relação da semente messiânica com a promessa e com a vida eterna mediante a “fé abraâmica” em Cristo e seu sacrifício.¹ Essas duas religiões monoteístas, desde seus primórdios, se autodenominam descendentes de Abraão e têm na figura do patriarca uma das maiores referências de fé. Com o intuito de entender como a seita de Jesus de Nazaré² e o judaísmo farisaico compreendiam suas origens abraâmicas, nos voltaremos para o tema do Judaísmo do Segundo Templo.³

A ALIANÇA ABRAÂMICA NO JUDAÍSMO DO SEGUNDO TEMPLO

O período denominado por Judaísmo do Segundo Templo foi marcado pelo surgimento de diversas seitas. Fontes históricas indicam a existência de vinte e quatro seitas, com razoáveis distinções de crenças entre elas (BOYARIN, 1999, p. 2). Os saduceus, ao que tudo indica, não acreditavam na Torá oral, ao passo que os fariseus aceitavam tanto a Torá escrita quanto a oral. Já os adeptos da comunidade de Qumrã, ao contrário dos fariseus, tinham uma visão escatológica bastante peculiar.⁴ Pode-se observar que havia uma pluralidade de ideias significativas entre essas seitas. Jacob

¹ Cf. Gn 17:7, 19; 15:4, 6; 22:12-13, 17; Jo 8:56; At 13:23; Rm 4:1-5, 9-12, 16, 22-25.

² Cristianismo primitivo ou protocristianismo, como indicado acima.

³ Judaísmo do Segundo Templo é o período da história judaica que se estende de Esdras até a queda do Templo de Jerusalém no ano 70 E.C. Nicholas Wright (2009, p. 20) faz o seguinte comentário sobre esse período: “O judaísmo do Segundo Templo era uma mistura múltipla e vibrante daquilo que hoje poderíamos chamar de religião, fé, cultura e política (ainda que estas distinções não fossem admitidas na época). No entanto, mesmo os elementos conflitantes eram conflitantes sobre as mesmas questões: o que significava fazer parte do povo de Deus, ser fiel à Torá, manter a identidade judaica em face do mundo pagão que invadia de todos os lados e (acima de tudo e na opinião de alguns) esperar a vinda do reino de Deus, do “século futuro” prometido pelos profetas, da redenção de Israel, esperando que ao raiar aquele dia fosse possível participar da justificação e das bênçãos futuras. Este é o mundo do qual Paulo veio, e no qual permaneceu, apesar de ter dito coisas que ninguém daquele mundo tinha pensado ou dito antes, e que muitos naquele mundo achavam chocantes e até mesmo destrutivos.”

⁴ Para um estudo detalhado sobre a escatologia de Qumrã, ver Collins (2010); Sebastian Günther. Eschatology and the Qur'an. In: Mustafa Shah and Muhammad Abdel Haleem (eds.), **The Oxford Handbook of Qur'anic Studies**. Oxford,

Neusner e Bruce Chilton estão corretos quando sugerem que o ideal é falar de “judaísmos” nesta época e não de “judaísmo” (CHILTON; NEUSNER, 1995, p. 19-41). Outros estudiosos que têm analisado esse período observam que mesmo com essa pluralidade havia alguns pontos centrais para esses grupos, entre eles o sábado, as leis alimentares e o templo (SANDERS, 1977, p. 68-73; DUNN, 2003, 2011). Assim, mesmo em meio a notável pluralidade de ideias, estes grupos mantinham certos pontos em comum, determinantes para sua identidade e ideia de pertencimento à comunidade de Israel.⁵

Não se deve pensar na circuncisão nesta época simplesmente como um rito de entrada para uma religião, haja vista que o conceito de religião é tardio. Neste período, quando um indivíduo aceitava a fé judaica, ele se tornava parte do povo de Israel, um judeu (MASON, 2009, p. 182). A circuncisão era, portanto, uma marca nacional, um marcador de identidade. O historiador romano Tácito (2014, 5.5.1-2) declarou que os judeus adotavam a circuncisão para se diferenciar dos outros povos. Deste modo, fazer parte de um grupo judaico implicava em se tornar judeu.

OS FARISEUS E A CIRCUNCISÃO

O entendimento adequando da visão farisaica sobre a circuncisão depende da compreensão prévia de determinadas ideias. Os fariseus entendiam que, no monte Sinai, Moisés havia recebido tanto a Torá escrita quanto a Lei Oral, e que a segunda fora transmitida pelas sucessivas gerações (LENHARDT; COLLIN, 1997, p. 23-36). A Torá fora vista por esse grupo como uma cerca que os separava dos demais povos.⁶ Assim, o texto da Torá escrita e a opinião dos rabinos, que discutiam os mais diversos temas para chegar a uma conclusão que fora entregue anteriormente a Moisés no Sinai deveriam ser observados (LEONE, 2011, p. 121-149). A *Halakha* era estabelecida de acordo com a opinião da maioria. A relação com a circuncisão ocorre quando é dado um mandamento na Torá, o caso a circuncisão. A opinião emitida pelos rabinos de como esse mandamento deve ser

UK: OUP Oxford, 2020, Cap. 30, p. 472-487. Ver também Muhammad Abdel Haleem and M. A. S. Abdel Haleem, **Understanding the Qur'an: Themes and Style**. London Qur'an Studies. London, UK: I.B. Tauris, 2010.

⁵ A ideia de que esses três elementos indicam um judaísmo ortodoxo ou um único judaísmo nesta época não pode ser forçada como observou Jacob Neusner. O judaísmo daqueles dias estava mais para uma ortopraxia e, como veremos mais tarde neste trabalho, havia um debate até mesmo sobre a necessidade da circuncisão para os gentios (CHILTON; NEUSNER, 1995, p. 22).

⁶ Essa perspectiva pode ser vista no Tanhuma Buber Ki Tissa em Êxodo 34.27: E o Senhor disse a Moisés: “Escreve para ti estas palavras...” É o que disse a Escritura (Os 8.12): Se eu lhe tivesse escrito o grande número de ensinamentos da minha Torá, não seria ela considerada com o algo estranho? Quando o Santo, bendito seja, acabou por dar a Torá, ele a disse a Moisés, na ordem: Escritura, Mishiná, Agadá e Talmude, com o está dito: (Êx 20.1). E Deus pronunciou todas estas palavras. Mesmo o que perguntaria a seu mestre discípulo experimentado, o Santo, bendito seja, disse-o a Moisés nessa hora, com o está dito: E Deus pronunciou todas estas coisas. Quando Moisés a conheceu, o Santo, bendito seja, lhe disse: “Vai, ensina-a a meus filhos!” Moisés lhe disse: “Mestre do mundo, escreve-a para teus filhos!” Ele lhe disse: “Eu bem gostaria de dá-la a eles por escrito, mas é evidente diante de minha face que as nações do mundo terão domínio sobre eles, tomá-la-ão deles e meus filhos serão como as nações do mundo. Assim, pois, dá-lhes a Escritura por escrito, e a Mishiná, a Agadá e o, Talmude oralmente”. E o Senhor disse a Moisés: Escreve para ti: é a Escritura. Porque foi em virtude de: a Mishiná e o Talmude é que fazem a separação entre Israel e as nações do mundo.”

praticado e visto se torna a prática do povo.⁷

Um exemplo de interpretação e aplicação da *mitzva* da circuncisão na vida do povo pode ser visto em Kiddushin 29a:11:

A baraita ensina que o pai é obrigado a circuncidar o filho. A Gemara pergunta: de onde derivamos isso? A Gemara responde que assim está escrito: ‘E Abraão circuncidou seu filho Isaque’ (Gênesis 21.4). A Gemara comenta: E no caso em que o pai não o circuncidou, o tribunal é obrigado a circuncidá-lo, ou seja, se esta obrigação não for cumprida pelo pai, aplica-se à comunidade como um todo, como está escrito: ‘Todo o homem entre vocês será circuncidado’ (Gênesis 17.10), na forma de uma *mitzva* geral que não se aplica apenas ao pai. E no caso em que o tribunal não o circuncidou, o filho é obrigado a circuncidar-se quando atingir a idade adulta, como está escrito: ‘E o homem incircunciso, que não for circuncidado na carne do prepúcio, essa alma será cortada longe de seu povo’ (Gênesis 17.14).

Este texto talmúdico é um bom exemplo da importância da circuncisão para o pertencimento à comunidade. A relevância é vista no caso, por exemplo do pai se recusar, por qualquer razão, a submeter o filho ao rito da circuncisão; então a comunidade deveria fazê-lo. E em caso da comunidade não realizar, o próprio filho deve circuncidar-se na idade adulta. Assim, a circuncisão como parte da Torá também passou a ser vista como um marcador de identidade.

Em Yevamot 45b e 46a encontra-se um debate halakhico sobre a necessidade de um gentio passar pela circuncisão e pela imersão para ser um prosélito. Neste debate, o Rabi Eliezer Hyrcanus (70–110 E.C.) defende que um gentio poderia ser considerado como convertido, prosélito, somente com a imersão ou circuncisão. Sua opinião não foi aceita pela maioria, mas é significativo que um rabino de sua importância tivesse tal posicionamento. O Rabi Eliezer foi aluno de Yochanan ben Zakkai, considerado por ele como um dos mais brilhantes estudantes. Eliezer era fiel à tradição que recebeu; sua inflexibilidade o deixava mais próximo da escola de Shammai (STEINSALTZ, 2020, p. 57-67; NEUSNER, 2003, p. 140-144).

Oskar Skarsaune (2004, p. 369) argumenta que a questão em debate para o Rabi Eliezer e o Rabi Yehoshua era que “ambos estavam preocupados com a seguinte questão: em que momento dessas cerimônias de conversão total ocorria a transição de gentio para judeu?” e não na necessidade da circuncisão. Porém, a indagação do Rabi Akiva parece apontar em outra direção: “Portanto, a pergunta original permanece: por que Rabino Eliezer não derivou dos antepassados que a circuncisão não é essencial para conversão?” (B. Talmud. Yevamot 46a: 23).

A posição de Eliezer parece não ser exclusiva. Fílon de Alexandria (1996, p. 133) criticava aqueles judeus que espiritualizavam completamente a circuncisão. Flavio Josefo (1996, 20:69-71) relata como Ananias instruiu o rei Izates de Adiabene na halakhá judaica, ensinando que ele não tinha

⁷ Os debates em grande medida se relacionavam com a prática da lei visto que nem todos os detalhes estavam explícitos na Torá escrita. Um exemplo é a circuncisão de uma pessoa hermafrodita. No Talmud encontramos: A Gemara pergunta: O que há de diferente na halakhot da circuncisão, em relação à qual Rabi Yehuda classifica um hermafrodita como um homem em relação às suas leis? A Gemara responde que se deve ao fato de que está escrito: ‘Esta é a Minha aliança, que guardareis, entre Mim e vós e a vossa descendência depois de vós: circuncidai por vós todos os homens’ (Gn 17: 10), e ele interpreta a frase ‘todos os homens’ como uma amplificação, incluindo qualquer pessoa que possivelmente poderia ser incluída na categoria de um homem (B. Talmud. Shabbat 137a:3).

que ser circuncidado para ser um verdadeiro adorador.

Gary Gilbert (1991, p. 299-313), ao discutir a conversão do rei Izates e a necessidade da circuncisão para isso, afirma que embora a circuncisão fosse um importante marcador da identidade judaica, isso não era unânime entre os judeus desta época. Segundo ele, para um bom número de judeus a identidade judaica poderia sobreviver sem a circuncisão. Talvez o rabino Eleazar de Mondin⁸ estivesse falando para um público que pensava desta maneira ao fazer a seguinte afirmação:

Aquele que trata as coisas sagradas como seculares, e (2) aquele que contamina os tempos designados, (3) aquele que humilha seu próximo em público, (4) *aquele que remove os sinais de a aliança de Abraão, nosso pai*, (que ele descanse em paz), e (5) aquele que expõe aspectos da Torá que não estão de acordo com a lei, ‘embora tenha em mãos o aprendizado da Torá e as boas ações, não terá participação no mundo vindouro’ (Perkê Avót, grifo nosso).⁹

Essa realidade indica que durante o primeiro século da era comum havia sábios que não entendiam que a circuncisão fosse obrigatória para o gentio, porém é necessário lembrar que essa não era a opinião da maioria.

PAULO, A SEITA DO CAMINHO E A CIRCUNCISÃO

A imagem de Jesus de Nazaré descrita nos Evangelhos é a de um judeu zeloso, preocupado em viver a *halakhá* judaica. Um judeu que observava as principais práticas religiosas de sua nação (VERMES, 1995, p. 21-22; FLUSSER, 2010, p. 37).¹⁰ Seus primeiros seguidores eram judeus fiéis às instituições judaicas e que, mesmo após sua morte, continuaram a frequentar as sinagogas, o Templo (At 3:1), guardar o Shabbat (Lc 23:50 -56; At 13:16), comer kasher (At 10) e fazer votos no Templo (At 21:23-27). Pode-se dizer com razoável segurança que eram fiéis à *halakhá* judaica (At 21.20; 22. 12; 24. 14).¹¹

Alguns estudiosos afirmam que os primeiros seguidores de Jesus de Nazaré acreditavam estar vivendo o clímax do judaísmo e que jamais se imaginaram à parte dele (DUNN, 2009, p. 360-363; GONZALEZ, 2011, 38-39). Esses primeiros seguidores de Jesus de Nazaré foram reconhecidos como parte da “Seita do Caminho” (At 19:23). Esse título se dá possivelmente por conta da ideia de Jesus ser “O caminho”, em João 14:6 (PETERSON, 2009, p. 544-545). Foram também chamados de

⁸ O Rabi Eleazar de Mondin foi contemporâneo do Rabi Eliezer Hyrcanus (NEUSNER, 2003, p. 134 – 135).

⁹ Tradução de Neusner (1988, p. 680).

¹⁰ Em uma entrevista concedida à revista *Shabat Shalom*, em 30 de setembro de 2003, Roberto Badenas respondeu uma pergunta sobre a identidade judaica de Jesus de Nazaré. “Shabat Shalom: Você poderia em poucas palavras nos lembrar das características do ensinamento e da vida de Jesus que claramente revelam seu judaísmo?” Roberto Badenas: “Tudo em Jesus revela seu judaísmo: Seu ensinamento por imagens; seu uso de parábolas e metáforas; suas constantes referências às Escrituras Hebraicas; sua reverência pelo templo; a maneira como ele se relaciona com a oração; suas interessantes perspectivas sobre os ensinamentos éticos da Torá (veja seu “Sermão da Montanha”); o modo como ele celebrava e reinterpretava as festas, particularmente o sábado.”

¹¹ Um estudo detalhado sobre esse novo grupo iniciado por Jesus no primeiro século pode ser visto em Paula Fredriksen (2018), James Dunn (1999) e Jean Daniélou (1980).

“Seita dos Nazarenos” (At 24. 5) e “cristãos” (At 11:26).

A forte identidade judaica desse grupo gerou um debate interno, pois para boa parte da liderança e membros da comunidade a circuncisão era necessária para um gentio se tornar membro da comunidade (At 10–11; Gl 2). Porém, com o razoável número de gentios aceitando a fé, surgiu o seguinte debate: é necessário um gentio se tornar judeu para fazer parte da comunidade que pensava estar vivendo o clímax do judaísmo?

Havia nas sinagogas uma classe de pessoas conhecidas como “tementes a Deus” que passaram a aceitar a fé, sem necessariamente passar pela circuncisão. O caso de Cornélio é significativo pois ele foi o primeiro gentio mencionado aceitando a fé cristã. Atos 10:1 realça que Cornélio era temente a Deus. A expressão grega φοβούμενος τὸν θεόν (“temente a Deus”) ocorre quatro vezes no livro de Atos (10:2, 22; 13:16, 26). O verbo σέβομαι (“eu adoro”), com as formas participiais, se refere aos gentios que adoram a Deus (13:43, 50; 17:4,17; 18:7). Cornélio bem como os demais “tementes a Deus” conheceram o judaísmo em algum momento da vida e passaram a guardar o Shabbat, comer kasher, não adorar ídolos, entre outros elementos da fé judaica. Contudo, não tinham o status de prosélitos por não terem passado pela circuncisão.

A admissão de Cornélio e outros não foi recebida de bom grado por boa parte dos integrantes da seita dos nazarenos. A verdade é que muitos entendiam que esses novos conversos deveriam passar pela circuncisão, entre os quais estavam os fariseus que haviam crido em Jesus (At 15:5). Essa realidade é significativa para nossa pesquisa, pois ao que parece, boa parte dos interlocutores de Paulo eram fariseus crentes em Jesus, assim como ele.

O apóstolo Paulo, nascido em Tarso, argumenta que fora criado em Jerusalém e educado aos pés de Gamaliel (At 22:2). Ele se identifica como ζηλωτής ὑπάρχων τοῦ θεοῦ (“sendo zeloso para com Deus”). A expressão grega ὑπάρχων (“sendo”) está no participípio presente, indicando que ele ainda era zeloso.¹² Um fariseu cheio de amor pelo judaísmo e que viveu intensamente o que acreditava (Gl 1:14). Algumas declarações de Paulo próximo ao final de sua vida indicam que ele, mesmo crendo em Jesus, ainda acreditava ser um judeu e fariseu, como veremos abaixo. Essa realidade reflete bem a flexibilidade de Paulo ao lidar com determinados temas.

Isso pode ser constatado quando o próprio apóstolo Paulo se identifica como sendo um fariseu na afirmação ἐγὼ Φαρισαῖός εἰμι (“eu sou fariseu”, At 23:6).¹³ Deve-se notar nesta frase que o presente é usado. Mais adiante ele afirma que acreditava em tudo que estivesse de acordo com a lei e os profetas (At 24:14). No discurso de Paulo para Agripa, uma declaração significativa é feita. O apóstolo novamente afirma ser um fariseu e acrescenta que vivia de acordo com o farisaísmo:

O que foi o meu modo de viver, desde a mocidade, como transcorreu desde o início, no meio do meu povo e em Jerusalém, sabem-no todos os judeus. Eles me conhecem de longa data e podem atestar, se quiserem, que tenho vivido segundo a seita mais severa de nossa religião, como fariseu (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002). Atos 26:4-5.

¹² O texto grego utilizado é o de Nestle-Aland. *Novum Testamentum Graece*. 28 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

¹³ Este curto trecho sobre o farisaísmo de Paulo é fruto de diálogos e pesquisas com Lucas Fridman.

A palavra grega ἔζησα tem sido traduzida por “vivi” por ser um aoristo, porém o aoristo nem sempre indica uma ação no passado. O contexto pode ser determinante para a tradução adequada (WALLACE, 2009, p. 554-556). Percebe-se, portanto, que Paulo se considerava um fariseu fiel à Torá e assim a tradução fornecida na *Bíblia de Jerusalém* parece mais próxima do texto grego. (GERLAND, 2019, p. 239).

A fato de Paulo se considerar um fariseu fiel a halakhá é importante para nossa pesquisa, pois o que sabemos é que Paulo, bem como Eleazar ben Hyrcanus, eram membros da escola de Hillel. Se assim for, é razoável sugerir que alguns fariseus da escola de Hillel não acreditassem ser necessária a circuncisão de gentios; e Paulo era um deles. Nathan Ausubel (1989, p. 170) salienta que Paulo aboliu a circuncisão física para os cristãos, porém é possível sinalizar em outra direção. Paulo circuncida Timóteo, filho de mãe judia e pai gentio (At 16:1-3). Como mencionado anteriormente, a Halakhá judaica indicava que um judeu que não fosse circuncidado ao oitavo dia deveria ser circuncidado mais tarde pela própria comunidade. A posição de Paulo em relação a Timóteo reflete o cumprimento desta halakhá e um equilíbrio da parte dele ao não escandalizar seus irmãos judeus.

Quando Paulo chegou à Jerusalém, após regressar da terceira viagem missionária e de encontrar-se com alguns líderes da seita dos Nazarenos, tomou ciência de que corriam boatos a seu respeito. Estes boatos diziam que ele estava ensinando os judeus que viviam entre os gentios a não se submeterem à circuncisão. Foi proposto para Paulo fazer um voto no Templo como forma de demonstrar que isso não era verdade. Ele aceitou prontamente (At 21:20-26). Paulo em momento algum ensinou que os judeus deveriam deixar de se circuncidar. Ele mesmo submeteu Timóteo à circuncisão, como observado anteriormente.

Esse quadro indica que para diversos líderes e membros da comunidade cristã, possivelmente fariseus como Paulo, a circuncisão para judeus e gentios crentes em Jesus era necessária. Paulo, por outro lado, polarizava com esses líderes instando que não era necessário um gentio se circuncidar. Essa interpretação não era exclusiva de Paulo. Neste sentido Mark Nanos (2015, p. 145) diz:

Em todos os casos disponíveis para nós, os argumentos de Paulo para resistir à circuncisão não tem nada a ver com uma oposição a pais judeus circuncisarem seus filhos ao oitavo dia, ou de um não-judeu entregando seus filhos à circuncisão também, assim como não são sobre as mulheres. Em vez disso, seus argumentos são especificamente direcionados para e sobre se adultos, homens não judeus, devem realizar a circuncisão. Além disso, a oposição de Paulo é ainda mais qualificada: ele se opõe à circuncisão de não-judeus adultos do sexo masculino que já são seguidores de Jesus. Sendo esse o caso, segue-se que a posição de Paulo sobre a circuncisão é erroneamente apresentada se for afirmado, sem a devida explicação, que Paulo se opôs à circuncisão.

Paulo argumentava firmemente que uma vez que Abraão recebeu a promessa quando ainda não havia sido circuncidado (Rm 4:11-12), isso era um indício de que os gentios poderiam ser incluídos na família abraâmica sem passar pela circuncisão (Rm 4:1-12). Segundo ele, em Jesus de Nazaré, judeus e gentios eram membros da mesma família e herdeiros das bênçãos prometidas a Abraão (Gl 3:26-29).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A circuncisão era um importante elemento para a identidade judaica do primeiro século E.C. e a maior parte dos judeus daqueles dias entendia que este elemento singular da Aliança Abraâmica era decisivo para dizer quem era parte do povo escolhido ou não. Entre os seguidores de Jesus de Nazaré o sentimento era o mesmo e isso gerou polêmicas internas quando Paulo passou a defender que homens gentios adultos não necessitavam da circuncisão para fazer parte do povo.

A posição de Paulo não era estranha aos rabinos fariseus, pois havia entre eles quem defendia a posição paulina. O fato de haver essa concepção por parte de alguns intérpretes, e tanto Fílon quanto Josefo a mencionarem, indica que Paulo não fez nenhuma inovação. Em outras palavras, o apóstolo tomou partido em um debate que já existia e talvez tenha surgido no seio da escola de Hillel. Desse modo, percebe-se que Paulo era flexível no que tange ao assunto que muitos fariseus da época não eram, essa mesma flexibilidade lhe permitiu acreditar que era possível ser fariseu e crer em Jesus Cristo como Messias divino.

REFERÊNCIAS

AUSUABEL, N. **Conhecimento Judaico**. Vol. I. Rio de Janeiro: Koogan, 1989.

BANDENAS, R. Jewishness of Jesus. **Shabbat Shalom Magazine**. 28 Mar. 2016. Disponível em: <https://www.shalomlc.org/index.php/resources/publications/shabbat-shalom-magazine/131-jewish-christian-dialogue/423-roberto-badenas-jewishness-of-jesus>, Acesso em: 15 Ago. 2018.

BOYARIN, B. **Dying For God: martyrdom and the marking of christianity and judaism**. Califórnia: Stanford University Press, 1999.

BROWN, F.; DRIVER, S.; BRIGGS, C. **Enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**. Oxford: Clarendon Press, 1977.

CHILTON, B.; NEUSNER, J. **Judaism in the New Testament: Practices and beliefs**. New York: Routledge, 1995.

COLLINS, J. **A Imaginação Apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica**. São Paulo: 2010.

DANIÉLOU, J. **La Teologia del Giudeo-Cristianesimo**. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 1980.

DUNN, J. D. **Unidade e Diversidade no Novo Testamento**. Santo André: Academia Cristã, 2009.

_____. **A nova perspectiva sobre Paulo**. Santo André: Academia Cristã, 2011.

_____. **A Teologia do Apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Jews and Christians: the parting of the ways, A.D. 70 to 135: the second Earliest Christianity and Judaism.** Michigan: Eerdmans, 1999.

FLUSSER, D. **Jesus.** São Paulo: Perspectiva, 2010.

FREDRIKSEN, P. **When Christians Were Jews: The First Generation.** London: Yale University Press, 2018.

GARLAND, D. **Atos: série comentário expositivo.** São Paulo: Vida Nova, 2019.

GILBERT, G. **The making of a Jew: 'God-fearer' or convert in the story of Izates.** Union Seminary. Quarterly Review, 44 n. 3-4, 1991.

GONZALEZ, J. **História Ilustrada do Cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados.** São Paulo: Vida Nova, 2011.

GÜNTHER, S. **Eschatology and the Qur'an.** In: Mustafa Shah and Muhammad Abdel Haleem (eds.), The Oxford Handbook of Qur'anic Studies. Oxford, UK: OUP Oxford, 2020, Cap. 30, p. 472–487.

HALEEM, M. A. **Understanding the Qur'an: Themes and Style.** London Qur'an Studies. London, UK: I. B. Tauris, 2010.

JOSEPHUS, F. **The works of Josephus: Complete and unabridged.** Apion. Peabody: Hendrickson, 1996.

LEONE, A. **Mística e Razão: dialética no pensamento judaico.** São Paulo: Perspectiva, 2011.

LENHARDT, P; COLLIN, M. **A Torah Oral dos Fariseus.** São Paulo: Paulus, 1997.

MASON, S. **Josephus, Judea, and Christian Origins: Methods and Categories.** Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2009.

NANOS, M. **The Question of Conceptualization: Qualifying Paul's Position on Circumcision in Dialogue with Josephus's Advisors to King Izates.** In: NANOS, M.; ZETTERHOLM, M. (Org.). Paul within Judaism: Restoring the First-Century Context to the Apostle. Minneapolis: Fortress Press, 2015.

NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Craece.** 28 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

NEUSNER, J; CHILTON, B. **Paul and Gamaliel.** In: NEUSNER, J; CHILTON, B. (Org.). In Quest of the Historical Pharisees. Texas: Baylor University Press, 2007.

_____. **The Rabbinic Traditions about the Pharisees before 70: Part III: The Masters.** Leiden:

Brill, 1971.

_____. **The Mishnah**: A new translation. New Haven: Yale University Press, 1988.

_____. **Dictionary of Ancient Rabbis**: selections from the Jewish Encyclopaedia. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2003.

PETERSON, D. G. **The Acts of the Apostles**. Grand Rapids, MI: Nottingham, England: Eerdmans, 2009.

PHILO, A. **The works of Philo**. Peabody: Hendrickson, 1996.

SANDERS, E. P. **Paul and Palestinian Judaism**. Philadelphia: Fortress Press, 1977.

SARNA, N. **The JPS Torah Commentary: Genesis**. Philadelphia: Jewish Publication Society, 1989.

SEGAL, A. **Paulo, o convertido**: apostolado e apostasia de Saulo fariseu. São Paulo: Paulus, 2010.

SKARSAUNE, O. **À Sombra do Templo**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

STEINSALTZ, A. **Figuras do Talmud**. São Paulo: Sêfer, 2020.

TACITUS, C. **Complete Works of Tacitus**. United Kingdom: Delphi Classics, 2014.

TALMUD. B. Talmud. Yevamot 45b e 46a. **Sefaria**. Disponível em: <https://www.sefaria.org/Yevamot.46a?lang=bi>. Acesso em 2/ de dez. 2021.

_____. B. Talmud. Yevamot 46a: 23. **Sefaria**. Disponível em: <https://www.sefaria.org/Yevamot.46a.23?lang=bi>. Acesso em 02 de dez. 2021.

_____. B. Talmud. Kiddushin 29a:11. **Sefaria**. Disponível em: <https://www.sefaria.org/Genesis.17.10?lang=bi&with=Kiddushin&lang2=en>. Acesso em 02 de dez. 2021.

Shabbat 137a:3. B. Talmud. Shabbat 137a:3. **Sefaria**. Disponível em: <https://www.sefaria.org/Genesis.17.10?lang=bi&with=Shabbat&lang2=en>. Acesso em 02 de dez. 2021.

_____. B. Talmud. Shabbat 137a:3. **Sefaria**. Disponível em: <https://www.sefaria.org/Genesis.17.10?lang=bi&with=Shabbat&lang2=en>. Acesso em 02 de dez. 2021.

YOUNG, B. **Paul the Jewish Theologian**: A Pharisee among Christians, Jews, and Gentiles. Michigan: Baker, 1997.

VERMES, G. **A religião de Jesus, o judeu**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

WALLACE, D. **Gramática Grega**: uma sintaxe exegética do Novo Testamento. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009.

WRIGHT, N. **Novas Perspectivas sobre Paulo**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.